



**ANÁLISE CRÍTICA DE “A FORÇA DO LUGAR”
ACOMPANHADA A UM CHAMADO: POR UMA GAIA
CIÊNCIA?¹**

CRITICAL ANALYSIS OF "THE FORCE OF THE PLACE" ACCOMPANIED BY A CALL: FOR
A GAIA SCIENCE?

Caio César Lima Dantas²

RESUMO

O presente trabalho tem como *objetivo central*, tal qual indica seu título, primeiramente, ser uma análise crítica de “A força do lugar”, quarta parte da obra “A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção” (SANTOS, 1996), a fim de afirmar e discutir, sucintamente, a dimensão do espaço geográfico na qualidade de *schouplatz* (KANT, 2007) ou “cenário” de subjetividades, interpretações e sensibilidades. Dessa forma, este artigo entende que a natureza do espaço geográfico, objeto *par excellence* da Geografia, é dual: objetiva e subjetiva. Todavia, a esta última faceta, a ciência geográfica — bem como a ciência em si, “filha” da modernidade e de Descartes — pouco visou, expôs ou mesmo afirmou. É nessa perspectiva onde, por último, o texto encaminha-se: no pequeno e introdutório esboço de crítica à ciência e, embutida nela, à Geografia. Sedentos por uma verdade “divina” e amparados na linguagem (NIETZSCHE, 2007; 1998), os horizontes científicos ainda não admitiram, completamente, o mundo e a vida enquanto estética e os fenômenos como aparições e não “coisas em si” (*ding an sich*) (KANT, 2005). Logo, doravante, por uma *gaia ciência*? Em suma, este artigo é fruto, como *aporte metodológico*, de uma pesquisa bibliográfica qualitativa, centrada em materiais de Milton Santos, Kant e Nietzsche.

¹ Este artigo é resultado da adaptação e complementação de uma resenha crítica escrita à disciplina “Geografia Cultural”, ministrada, à época, pelo professor Alessandro Dozena e cujo estagiário-docente era Matheus Soares Ferreira.

² Bacharelado em Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) e, atualmente, bolsista da Fundação Norte Rio-grandense de Pesquisa e Cultura (FUNPEC). E-mail: caio.cesar.701@ufrn.edu.br

PALAVRAS-CHAVE: A força do lugar; Espaço geográfico; *Schouplatz*; *Gaia ciência*.

ABSTRACT

The *central objective* of this paper, as indicated by its title, is firstly, to be a critical analysis of "The force of place", fourth part of the work "The nature of space: technique and time, reason and emotion" (SANTOS, 1996), in order to affirm and discuss, briefly, the dimension of geographic space as *schouplatz* (KANT, 2007) or "scenario" of subjectivities, interpretations and sensibilities. Thus, this article understands that the nature of geographic space, object par excellence of Geography, is dual: objective and subjective. However, to this last facet, geographic science — as well as science itself, "daughter" of modernity and Descartes — has little aimed, exposed or even affirmed. It is in this perspective where, finally, the text is headed: in the short and introductory outline of criticism to science and, embedded in it, to Geography. Thirsty for a "divine" truth and supported by language (NIETZSCHE, 2007; 1998), scientific horizons have not yet fully admitted the world and life as aesthetics and phenomena as appearances and not "things in themselves" (*ding an sich*) (KANT, 2005). Therefore, henceforth, for a *gay science*? In short, this article is the result, as *methodological contribution*, of a qualitative bibliographic research, centered on Milton Santos, Kant, and Nietzsche's materials.

KEYWORDS: The force of place; Geographic space; *Schouplatz*; *Gaia Science*.

INTRODUÇÃO

Milton Almeida dos Santos, ou só Milton Santos, dispensa apresentações à Geografia, além disso, não é foco deste trabalho adentrar na imensidão de sua vida, ou mesmo, de sua obra. Entretanto, a título de contextualização, pode-se recorrer, sumariamente, à sua *biografia* (SANTOS, 2021), feita por sua esposa Marie-Hélène Tiercelin dos Santos e outros contribuintes, entre os quais, Jacques Levy, da *École Polytechnique Fédérale de Lausanne*.

Nascido em 3 de maio de 1926, a carreira de Milton Santos pode ser dividida em três momentos, ou períodos gerais, anteriores à sua morte, datada em 24 de junho de 2001: i) 1948-1964. *Um pesquisador implicado na realidade local*; ii) 1964-1977. *Um pesquisador viajante*; iii) 1977-2001. *Um pesquisador engajado* (SANTOS, 2021). Dentre suas honrarias, em 1994, no ápice de sua carreira, recebeu o Prêmio Internacional de Geografia *Vautrin Lud*. Além disso,

Técnica, espaço, tempo: globalização e meio técnico-científico informacional (1994), *Da totalidade ao lugar* (1996), *Metamorfose do espaço habitado* (1997), são algumas dessas publicações que desembocam na sua obra maior (no seu livro maior?): *A Natureza do espaço* (1996), que quer ser ‘uma teoria geral do espaço humano, uma contribuição da geografia [...] ‘reconstrução da teoria social’ (SANTOS, 2021, grifo nosso).

Na sua suposta “obra maior” — “A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção” (1996) — como a viu sua *biografia*, um capítulo, em especial, recorre a uma das realidades peculiares ao híbrido espaço geográfico: sua subjetividade. Tal capítulo, em suma, está presente na quarta parte desse livro, *A força do lugar*, e é intitulado de *14. O lugar e o cotidiano*; dividindo-se, ainda, em seis subcapítulos ao todo, a saber: i) *Introdução*; ii) *Atividade racional, atividade simbólica e espaço*; iii) *O papel da proximidade*; iv) *A dimensão espacial do cotidiano*; v) *Os pobres na cidade*; vi) *Os migrantes do lugar: da memória à descoberta*.

De forma parcial frente à hibridez da natureza do espaço geográfico; ávidos, *par excellence*, pela objetividade por detrás do objeto geográfico, os geógrafos pouco aventuraram-se nessa dimensão: o aspecto, para utilizar Kant (2007), do *schauplatz*, isto é, do espaço geográfico enquanto “cenário” de subjetividades, de *microcosmos*, de vivências, de *contra-racionalidades*, de “banalidades”, de *proximidades* e *densidades comunicativas*, de corporeidades, de sensibilidades, de psicologias da *psicosfera*... de horizontalidades.

Embora parciais, similares geógrafos, no exercício de sua ciência, são caros êxitos de um projeto científico inerente ao desenvolvimento da sociedade e sua maior ambição: a *vontade de verdade* (NIETZSCHE, 2007; 1998). Mesmo que superficialmente, é nessa linha de raciocínio o qual se desenvolve a seção **O**, junto a um apelo: por uma *gaia ciência*? Por ora, *um diálogo com Kant* faz-se pertinente.

Micro e macrocosmo: um diálogo com Kant

O mundo pós-Revolução Técnico-Científico-Informacional é um *novo mundo* (SANTOS, 2018). Apesar de ser denominada de “revolução”, para tal evento, o qual se situa entre o pós-Segunda Guerra Mundial (1939-45) e meados da Guerra Fria (1947-91), ainda não se convencionou uma data específica. Se sabe, todavia, que, “Com o desenvolvimento”, na dita “Segunda Revolução Industrial”³ (séc. XIX-XX), “dos meios de transferência (transporte, comunicações e transmissão de energia)” tem-se “lugar a mudança, associada à rapidez do aumento da densidade e da escala da circulação” (MOREIRA, 2007, p. 57); trata-se, em suma, da origem da sociedade em rede, cuja característica principal é a mobilidade territorial (MOREIRA, 2007, p. 58).

Por volta da década de 70, “já não se pode mais desconhecer a relação em rede, que então surge, articula os diferentes lugares e age como a forma nova de organização geográfica das sociedades”, estruturando, assim, “a arquitetura das conexões que dão suporte às relações avançadas da produção e do mercado” (MOREIRA, 2007, p. 57); trata-se, em suma, da origem da rede global, mundialização ou globalização, cuja característica principal é a fluidez em escala planetária; a mobilidade territorial global, advinda da técnica da informação⁴, a principal base arquitetônica⁵ deste *novo mundo* (SANTOS, 2018).

Neste contexto atual, o lugar se ressignificou: a globalização criou (ou reforçou) uma dicotomia entre o lugar e o mundo; o individual e o coletivo; a parte e o todo; a unidade e a totalidade. Em outros termos, criou-se uma dialética entre o *microcosmo* e o *macrocosmo* (KANT, 2007): por um lado, “Cada lugar é, à sua maneira, o mundo”, por outro lado, “cada lugar, irrecusavelmente imerso numa comunhão com o mundo, torna-se exponencialmente diferente dos demais”; enfim, “A uma maior globalidade, corresponde uma maior individualidade” (SANTOS, 2006, p. 213).

“Quereis um nome para este mundo? Uma solução para todos os seus enigmas? Uma luz também para vós?” (NIETZSCHE, 1978). O mundo, ou *macrocosmo*, é a

“pluralidade considerada como unidade” ou a “unidade da diversidade” (KANT apud. SANTOS, 2014); é os variados lugares em que “estão”, a respeito de uma estrutura ideológica, “em comunhão universal com todos os outros” (SANTOS, 2018); é, em conclusão, o conjunto (*inbegriff*) de diferentes *microcosmos* atuando em pró da própria estrutura ideológica global, esta pertencente e a serviço dos *atores hegemônicos* (SANTOS, 2018). Em um trecho: “Os lugares são, pois, o mundo, que eles reproduzem de modos específicos, individuais, diversos. Eles são singulares, mas são também globais, manifestações da totalidade-mundo, da qual são formas particulares” (SANTOS, 2018).

Nessa perspectiva, o lugar, ou *microcosmo*, é visto tão somente na qualidade de realidade objetiva. Uma conceituação deste local enquanto objeto nos é dada pelo próprio Milton Santos (2014), o qual entende-o, na medida em que este é uma porção do espaço geográfico, como o conjunto entre objetos naturais, objetos sociais, objetos geográficos e a sociedade (“a vida que os preenche e os anima”). Conteúdo e forma; trabalho morto e trabalho vivo; autor e obra; sujeito e objeto; ser e existência. “O ser”, em suma, é “metamorfoseado em existência por intermédio dos processos impostos por suas próprias determinações” (SANTOS, 2014, p. 31).

Paralelamente, Kant (2007) entende o *microcosmo*, ou lugar, em sua faceta objetiva, como uma parcela de espaço (*raum*), um quadro (*tableu*, em francês) ou uma dada área (*länder*) — por vezes aproximando-se da região (em alemão, *egend*; em francês, *contrée*) — ao qual possui, em uma lógica própria, elementos internos, naturais e do homem (*mensh*), que, “ao mesmo tempo” (*zu gleicher zeit*) (KANT, 2007, p. 125), encontram-se juntos e em mútua interação, obedecendo, por fim, a “ordem da natureza, o lugar de seu nascimento ou os lugares em que a natureza os colocou” (KANT, 1999 apud. GOMES, 2017, p. 25).

Tal *microcosmo*, entretanto, é subordinado a uma lógica maior, própria à Terra, totalidade ou arranjo da natureza (*naturbeschaffenheit*) “e o que nele é encontrável: os mares, a terra firme, as montanhas, rios, as correntes de ar, os homens, os animais, plantas e minerais” (KANT, [21--?], p 131); em outras palavras, o *macrocosmo*, de onde os variados lugares/quadros/áreas, *microcosmos*, derivam. “A Natureza”, refletiu Humboldt (2004, p. 136) em “Cosmos: ensaio de uma descrição física do mundo”, ou *Kosmos: entwurf einer physischen weltbessreibung*, (1845), “é a unidade na diversidade dos fenômenos” e dos lugares que os abarcam. “A harmonia entre as coisas

criadas que diferem por sua forma, por sua constituição e pelas forças que as animam” é, em suma, “o Todo animado por um sopro de vida”.

Contudo, a noção de “lugar” (*microcosmo*), em Kant, é dual, pois mesmo o espaço (*schauplatz*), em si, encerra duas significações. Sobre isso, uma nota de tradução (KANT, 2007, p. 123) — embasada no professor Wolf-Dietrich Sahr, do Departamento de Geografia da Universidade Federal do Paraná (UFPR) — discute brevemente. Logo, “se pensado etimologicamente, *Schau* vem do verbo *schauen*, que significa ‘ver’, ‘assistir’, ‘mirar’, e *Platz* significa ‘praça’, ‘lugar’”. De outro ponto de vista, continua a nota, “esse vocábulo possui uma significação também e, principalmente, no campo das artes, podendo ser traduzido por ‘teatro’ ou mesmo ‘palco’”. Primeiro, em alemão, “palco” geralmente é citado como *Bühne*; por fim, esse vocábulo “significa apenas uma parte do ‘teatro’, isto é, os espectadores não atuam no ‘palco’, eles apenas assistem o que se passa com os atores que nele estão atuando”; paralelamente, “teatro”, em alemão, é consolidado como *Theater*.

Em decorrência de tudo isso, foi mensurada, para *schauplatz*, a significação de “cenário”. O espaço (*schauplatz*) é um cenário para as diferentes interpretações, subjetividades, consciências, representações, exames... O indivíduo (*mensch*) é, assim como o lugar, um *microcosmo*: “cada indivíduo tem uma maneira de apreender o espaço, mas também de o avaliar”, dessa maneira, cada ser é um pequeno mundo à parte (SANTOS, 2008, p. 91-93). Cada sujeito, portanto, detém de uma *sensibilidade espacial*⁶ que lhe é peculiar, “uma espécie de impressão causada pela dimensão espacial”, isto é, a “capacidade” de não só “situar coisas no espaço”, mas também, “de nos situarmos nele, ou seja, de dirigirmos os movimentos do corpo no espaço” (GOMES, 2017, p. 17-18).

Destarte, o espaço geográfico é, também, subjetividade; é instância, ação, *práxis*, corporeidade, vivência... O lugar é o “quadro de referência pragmática ao mundo”, porém, “é também o teatro [“cenário”, *schauplatz*] insubstituível das paixões humanas, responsáveis, através da ação comunicativa, pelas mais diversas manifestações da espontaneidade e da criatividade” (SANTOS, 2006, p. 218).

Densidade comunicacional, práxis coletivas e cidade

Embora a globalização, ou *globalização perversa*⁷ (SANTOS, 2018), atue por intermédio de uma estrutura ideológica a nível global, com ênfase aos lugares e

“amenizada”, por assim dizer, por suas fábulas, imaginários^{8.}, afirma-se, com Nietzsche (2007, p. 74), quando este analisou a origem genérica de um Estado⁹, que seu desenvolvimento é “de forma alguma sua progressão para um fim, menos ainda uma progressão lógica e direta realizada com o mínimo de forças e de despesas”, pois, dentre outras, destacam-se duas reações, próprias das *horizontalidades* às *verticalidades*¹⁰ e seus agentes: as *territorialidades* e as *contra-racionalidades*.

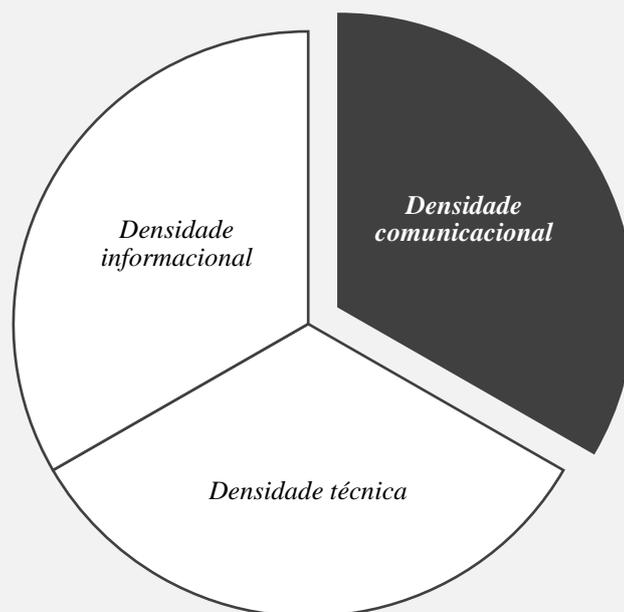
Quanto à primeira reação, tem-se que o território pode ser entendido como “um termo geral utilizado para descrever uma porção do espaço ocupado pela pessoa, grupo ou Estado” (JOHNSTON, 1994, p. 620); “quando associado com o Estado”, por um lado, continua Ron Johnston, “o termo tem duas conotações específicas”, sendo a primeira “aquela da soberania territorial, através da qual um Estado reivindica controle de legitimidade exclusivo sobre uma dada área definida por fronteiras claras”. Por outro lado, “Em muitas formas de uso em Geografia Social, o território refere-se a um espaço social definido ocupado e utilizado por diferentes grupos sociais como consequência de sua prática de territorialidade [...]” (JOHNSTON, 1994, p 620).

Em outras palavras, trata-se da “multiplicidade de formas de apropriação do território que tensamente coexistem num determinado tempo e num determinado lugar” (RIBEIRO, 2005, p. 12459). O território, afirma Milton Santos (2018, p. 111-112), “não é apenas o lugar de uma ação pragmática e seu exercício comporta, também, um aporte da vida, uma parcela de emoção, que permite aos valores representar um papel”, assim, “O território se metamorfoseia em algo mais do que um simples recurso e, para utilizar uma expressão, que é também de Jean Gottmann, constitui um abrigo”.

No que concerne à segunda reação — às *contra-racionalidades* — “os lugares ganham um quinhão (maior ou menor) da ‘racionalidade’ do ‘mundo’”, do *macrocosmo*, todavia, “esta se propaga de modo heterogêneo, isto é, deixando coexistirem outras racionalidades [...] contra-racionalidades, a que, equivocadamente e do ponto de vista da racionalidade dominante, se chamam ‘irracionalidades’” (SANTOS, 2018). Dessarte, o espaço, na medida que é um cenário (*schauplatz*), o território enquanto abrigo (GOTTMANN apud. SANTOS, 2018, p. 111-112), o lugar... todos têm e incluem banalidades, *contra-racionalidades*, *emoções*, memórias, cotidianos, horizontes geográficos; todos são espaços banais, mas é no lugar, na sua identidade, no seu pertencimento, na sua *força*, onde se estabelece a ação (*práxis*) coletiva¹¹. É neste *microcosmo*, objetivo e subjetivo, em que pequenos mundos, outros *microcosmos*, vivem e comunicam a totalidade de suas vidas.

Aliás, “Comunicar [...] etimologicamente significa pôr em comum” (LABORIT, 1987, p. 38 apud. SANTOS, 2006, p. 214); é no horizonte, no lugar, em que a *práxis coletiva*, mediante a comunicação, é realizada. Comunicar-se, por conseguinte, é um resultado de “uma verdadeira negociação social, de que participam preocupações pragmáticas e valores simbólicos”, em suma, “pontos de vista mais ou menos compartilhados” (ECEW, 1994, p. 34 apud. SANTOS, 2006, p. 214). Ainda, neste contexto de rede global, Milton Santos (2006, p. 173) enxergou que os lugares podem se definir, ademais, “pela sua densidade técnica, pela sua densidade informacional, pela sua densidade comunicacional”, tais atributos se “interpenetram e cuja fusão os caracteriza e distingue”, cujo foco deste texto dirige-se à *densidade comunicacional* (**Figura 1**).

Figura 1. *Realidade empírica* do lugar: *densidade técnica*, *densidade informacional* e *densidade comunicacional* (SANTOS, 2006, p. 173-175).

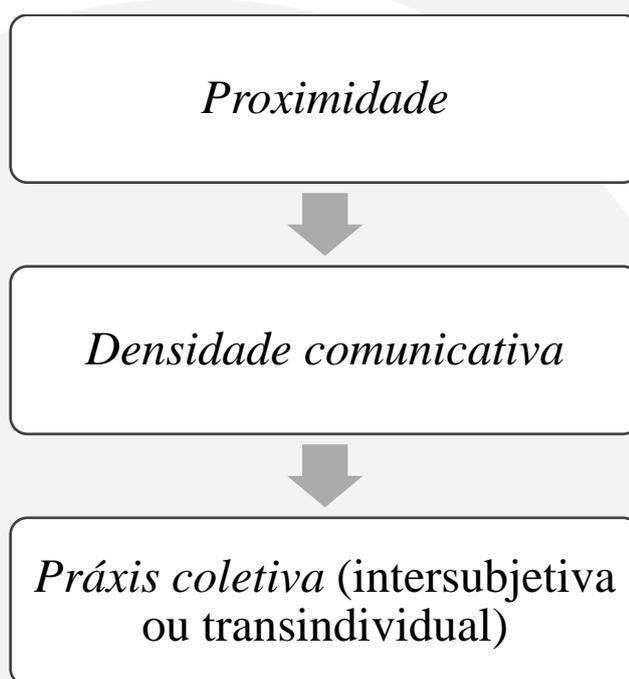


Fonte: elaboração do autor (elaboração nossa), baseando-se no subcapítulo “Do reino da necessidade ao reino da liberdade. (SANTOS, 2006, p. 173-175).

A título de informação e contextualização, há de saber que a *densidade informacional* “deriva, em parte, da densidade técnica” (SANTOS, 2006, p. 173), já que é a *técnica da informação*, atualmente, o “representativo do sistema”, ou família, “de técnicas atual”, permitindo, primeiro, que “as diversas técnicas existentes passam a se comunicar entre elas”; por último, “ela tem um papel determinante sobre o uso do

tempo, permitindo, em todos os lugares, a convergência dos momentos, assegurando a simultaneidade das ações e, por conseguinte, acelerando o processo histórico” (SANTOS, 2018). A *densidade comunicacional*, oriunda da *proximidade*, no que lhe concerne, é o pré-requisito direito à práxis intersubjetiva ou transindividual¹², à ação coletiva. Em um simples esquema (Figura 2):

Figura 2. *Proximidade, densidade comunicativa e práxis coletiva (intersubjetiva ou transindividual)*¹ (SANTOS, 2008; 2006).



Fonte: elaboração do autor (elaboração nossa), baseando-se nas contribuições de Milton Santos (2008; 2006).

A ação (*práxis*) coletiva é uma resultante da *densidade comunicativa*, ao qual, por sua vez, advém da *proximidade*.

A *proximidade*, para Milton Santos (2006, p. 215-216), “não se limita a uma mera definição das distâncias”, isto é, não é uma condição meramente física: “ela tem que ver com a contiguidade física entre pessoas numa mesma extensão, num mesmo conjunto de pontos contínuos, vivendo com a intensidade de suas inter-relações”. De tal forma, a *proximidade* “pode criar a solidariedade, laços culturais e desse modo a identidade” (GUIGOÛ, 1995, p. 56 apud. SANTOS, 2006, p. 215-216). Por meio desses seus traços, é possível, portanto, o acesso de um grupo de indivíduos à *densidade comunicativa*, ao “pôr em comum” e, conseqüentemente, à *práxis coletiva*. Em síntese, a interdependência como *práxis*, “base de operação da comunidade”, “constitui uma mediação inevitável para o exercício dos papéis específicos de cada qual” (SANTOS,

2006, p. 216-217); a coletividade, totalidade... o *macrocosmo* é a soma entre individualidades, singularidades, *microcosmos*.

A cidade é uma espécie de *microcosmo* “onde há mais mobilidade e mais encontros”, ao passo que a “geração de relações interpessoais”, neste local, “é ainda mais intensa”¹³; é, ademais, o lugar “onde os fracos podem subsistir” (SANTOS, 2006, p. 216 e 218). Logo, a cidade é, por fim, o cenário (*schauplatz*) para, respectivamente, a *proximidade*, *densidade comunicativa* e *práxis coletiva* entre os *homens lentos*: “A força é dos ‘lentos’ e não dos que detém a velocidade [...] Quem, na cidade, tem mobilidade — e pode percorrê-la e esquadrinhá-la — acaba por ver pouco, da cidade e do mundo” (SANTOS, 2006, p. 220).

Outra discussão: consciência nova

Amparando-se, principalmente, no existencialismo de Sartre (mas também, ao que parece, em Heidegger, na fenomenologia do espírito [*geist*] de Hegel e fenomenologia husserliana), Milton Santos vê, nos movimentos da globalização¹⁴, a presença da *desterritorialização*, “uma palavra para significar estranhamento, que é, também, desculturalização” (SANTOS, 2006, p. 222). Apesar dela, “num mundo do movimento, a realidade e a noção de residência [...] do homem não se esvaem” (SANTOS, 2006, p. 222).

Ao contrário, este *novo mundo* é um eterno *vir-a-ser*, “do eternamente criar-se a si próprio, do eternamente destruir-se a si próprio” (NIETZSCHE, 1978); do eterno redescobrir-se. Milton Santos (2006, p. 224) traduz tal dinâmica em uma “fórmula” em que, de um lado, participa a *memória*, do outro lado, o *esquecimento* e a *(re)descoberta*: “enquanto a memória é coletiva, o esquecimento e a consequente *(re)descoberta* são individuais”.

O *esquecimento* e a *(re)descoberta* são pares dialéticos que, em um espírito (*geist*), fazem parte de um mesmo processo: a tomada de uma *nova consciência* frente à realidade (lugar) novo. O espaço, “dado fundamental nessa descoberta”, é o cenário “dessa novação”: “A noção de espaço desconhecido perde a conotação negativa e ganha um acento positivo, que vem do seu papel na produção da nova história” (SANTOS, 2006, p. 224).

CONSIDERAÇÕES FINAIS: POR UMA GAIA CIÊNCIA?

A partir da modernidade, onde Descartes foi um dos pioneiros e célebres personagens, a matemática e a física newtoniana desenvolveram-se em pleno vapor; em contrapartida, as discussões inacabáveis a respeito da metafísica e teoria do conhecimento — esta “guerreada”, principalmente, por duas frentes distintas e antagônicas (racionalismo e empirismo) — cessava o progresso teórico e acadêmico da Filosofia. Conquanto, a *Kritik der reinen Vernunft* (1871), traduzida como “Crítica da razão pura” (KANT, 2015), ao tratar sobre a teoria do conhecimento objetivo do mundo, tal qual realizar uma análise dos usos e limites da razão, possibilitou a posterior evolução filosófica, respondendo aos anseios metafísicos e, ao menos em teoria, “apaziguando” os racionalistas e empiristas (GOMES, 2017). Nela, Kant realizou a “Revolução Copernicana” da filosofia, como ele mesmo a intitulou: na astronomia, em meados do século XV, Nicolau Copérnico compôs o sistema heliocêntrico, cujos corpos celestes (dentre os quais, o *geo*) circundavam em volta do *hélío*; paralelamente, Kant entendeu que o centro da questão do conhecimento não era o objeto (*geo*), mas o sujeito (*hélío*) e sua *intuição* (sensibilidade).

Em resumo, no mundo físico, o qual vive-se, o objeto é uma “coisa em si”, *nóumeno* ou *ding an sich*, no entanto, por princípio, este é incognoscível e, por conseguinte, eternamente desconhecido; o que há tão somente, aos limites cognitivos e intuitivos humanos, é sua aparição estética e visível: o *fenômeno* (KANT, 2015). Semelhantemente, Schopenhauer (2007) admite que o mundo é uma dicotomia entre representação (*vortstellung*) e vontade (*wille*); na mesma lógica kantiana, a *vortstellung* é a forma física cognoscível ao humano, ao passo que a *wille* é a substância, essência ou ontologia incognoscível deste mundo (PRIDEAUX, 2019, p. 53).

O artigo “O espaço em Kant e suas influências na definição do conceito de região em Alfred Hettner e Richard Hartshorne” (2009), de Renan dos Santos, é fundamental ao entendimento dessa tese de Kant relativa ao conhecimento. Segundo Santos (2009, p. 185),

“Os objetos chegariam através da sensibilidade ao sujeito”, sendo espaço (*raum*) e tempo (*zeit*) as duas formas, ou condições, *a priori* da intuição. A partir deles, é possível, ao sujeito (*mensch*), experimentar, situar e sistematizar objetos/coisas

exteriores, ou seja, obter conhecimento *a posteriori*: “os fenômenos, eles próprios, são dados a posteriori” (SANTOS, 2009, p, 184).

O conhecimento *a priori*, em resumo, “independe da experiência e é simultaneamente anterior à experiência e condição da experiência”; ao contrário, o conhecimento *a posteriori* “seria aquele que decorre dos dados fornecidos pela experiência sensível” (SANTOS, 2009, p. 184). Dito de outra maneira, *raum* e *zeit* não existem para Kant; são tão somente bases para o ordenamento dos objetos e, *a posteriori*, meios para a experiência; são, em síntese, cenários, *schauplatz*, para o jogo de interpretações da realidade, ou realidades.

Apesar de tais contribuições, reverbera-se, ainda, o ofuscamento de temáticas relativas à *psicosfera*¹⁵ e demais discussões subjetivas, as quais não têm por alvo direto a *ding an sich/wille*, mas sua aparição às diferentes sensibilidades humanas. Esta condição é fruto, não coincidentemente, de uma característica ainda persistente na ciência hodierna, enraizada em seu desenvolvimento, sobretudo, no que diz respeito à modernidade pré-kantiana e ao modelo cartesiano. Esta ciência, ainda opera, principalmente, com dois pré-requisitos/pré-conceitos basilares: como extensão do *ideal ascético*¹⁶ e, por assim dizer, como “serva” da linguagem (NIETZSCHE, 2007; 1998). Não adentrando às profundezas que a questão merece, seu *subsolo*, este trabalho encerra-se, assim, na breve, introdutória e reflexiva crítica à ciência e, também, à ciência geográfica, especificamente.

“Toda a nossa ciência se encontra sob a sedução da linguagem, não obstante seu sangue-frio, sua indiferença aos afetos” etc. (NIETZSCHE, 1998, p. 36). Crer em algo é, antes de tudo, crer na linguagem. No entanto, mesmo o sistema de códigos, ao contrário do entendimento deste como verdade em si *in natura*, é uma parcialidade, uma escolha com base em uma hierarquia de valores humanos, *demasiadamente humana* (NIETZSCHE, 2005), cuja origem, como a do estado antigo nietzschiano, remonta aos aristocratas, os “senhores”¹⁷.

É a *vontade da verdade* — em si, ideal, absoluta, suprema, “divina”, metafísica, ontológica — que ainda rege e norteia a ciência atual, provinda da modernidade e de Descartes ou, antes, de Platão: “é a fé no próprio ideal ascético, mesmo como seu imperativo inconsciente, não haja engano a respeito — é a fé em um valor *metafísico*, um valor *em si da verdade*, tal como somente esse ideal garante e avaliza” (NIETZSCHE, 1998, p. 139, grifo do autor). Todavia, matéria desta ciência, a supressão da interpretação, subjetividade, corporeidade..., não seria ela, sob o pretexto de

cientificidade e objetividade, a maior das mentiras, a “*mais longa mentira*” (NIETZSCHE, 1998, p. 139), bem como uma negação à vida como esta apresenta-se em vista de uma idealidade, a julgar pela “coisa em si” ser incognoscível?

A ciência, assim sendo, pode ser entendida, paradoxalmente, como uma espécie de *contra-natureza* ou *antinatureza* (NIETZSCHE, 2014). Em contrapartida, por uma *gaia ciência* (NIETZSCHE, 2012) é, em resumo, ir de encontro à afirmação da vida tal como ela é (apresenta-se): em sua estética, corporeidade e fenomenologia, em toda a *psicosfera* que engloba a imensurável gama de subjetividades, de perspectivas, de seres, de *microcosmos*; à *psicosfera* própria ao espaço enquanto cenário (*schouplatz*), o sentir o espaço singularmente.

Doravante, por uma *gaia ciência*? “[...] e eu desejo, finalmente, que preso ao pescoço e sobre o coração se traga o amuleto do ‘gaio saber’ — ‘a gaia ciência’ para que se possa compreender-me facilmente” (NIETZSCHE, 2000, p. 222).

NOTAS

³ “Com a propagação das técnicas de transportes e comunicações próprias da segunda Revolução Industrial – encarnadas no caminhão, no automóvel, no avião, no telégrafo, no telefone, na televisão, ao lado das técnicas de transmissão de energia –, o movimento de regionalização da produção e das trocas dessas culturas introduz a relação em rede, dissolvendo as fronteiras das regiões formadas pelas migrações dos cultivares, fechando um ciclo e inaugurando uma nova fase de organização mundial dos espaços” (MOREIRA, 2007, p. 59).

⁴ “O desenvolvimento da história vai de par com o desenvolvimento das técnicas. Kant dizia que a história é um progresso sem fim; acrescentemos que é também um progresso sem fim das técnicas. A cada evolução técnica, uma nova etapa histórica se torna possível” (SANTOS, 2018).

⁵ “Os fatores que contribuem para explicar a arquitetura da globalização atual são: a unicidade técnica, a convergência dos momentos, a cognoscibilidade do planeta e a existência de um motor único na história, representado pela *mais-valia globalizada*” (SANTOS, 2018, p. 24).

⁶ “Na verdade, a globalização faz também redescobrir a corporeidade. O mundo da fluidez, a vertigem da velocidade, a frequência dos deslocamentos e a banalidade do movimento e das alusões a lugares e a coisas distantes, relevam, por contraste, no ser humano, o corpo como uma certeza materialmente sensível, diante de um universo difícil de apreender” (SANTOS, 2006, p. 212).

⁷ “De fato, para a grande maior parte da humanidade a globalização está se impondo como uma fábrica de perversidades” (SANTOS, 2018).

⁸ “[...] o que é imposto aos espíritos é um mundo de fabulações [...] Seus fundamentos são a informação e o seu império, que encontram alicerce na produção de imagens e do imaginário” (SANTOS, 2018).

⁹ Cujas origens remontam a “uma raça de conquistadores e de senhores que, com sua organização guerreira e com a força de organizar, não hesita em fincar suas garras terríveis numa população talvez infinitamente superior em número, mas ainda desprovida de estrutura, ainda errante. Essa é a origem do ‘Estado’ na terra: creio que já foi bastante refutada a opinião que fazia remontar a sua origem a um ‘contrato’” (NIETZSCHE, 2007, p. 82).

¹⁰ “As horizontalidades são “formas de convivência e de regulação criadas a partir do próprio território e que se mantêm neste território [...] sobre ele se exerce uma vontade permanente de desorganização, a serviço dos atores hegemônicos. Esse processo dialético impede que o poder, sempre crescente e cada vez mais invasor, dos atores hegemônicos, fundados nos espaços de fluxos, seja capaz de eliminar o espaço banal, que é permanentemente reconstituído segundo uma nova definição” (SANTOS, 2006, p. 110-111). Por sua vez, “As verticalidades podem ser definidas, num território, como um conjunto de pontos formando um espaço de fluxos. [...] Esse espaço de fluxos seria, na realidade, um subsistema dentro da totalidade-espaço, já que para os efeitos dos respectivos atores o que conta é, sobretudo, esse conjunto de pontos adequados às tarefas produtivas hegemônicas, características das atividades econômicas que comandam este período histórico” (SANTOS, 2018, p. 105-16).

¹¹ “Existem práxis individuais e existem práxis sociais. Mas, o próprio nome de ‘sociedade organizada’ supõe a precedência das práxis coletivas, impostas pela estrutura da sociedade e às quais se subordinam as práxis individuais” (SANTOS, 2008, p. 95).

¹² “Práxis intersubjetiva” é um termo utilizado por Petit (1991 apud. SANTOS, 2006, p. 173), ao passo que “práxis transindividual” é fruto de Simondon (1950, p. 248 apud. SANTOS, 2006, p. 173).

¹³ “Esses lugares, com a sua gama infinita de situações, são a fábrica de relações numerosas, frequentes e densas” (SANTOS, 2006, p. 216).

¹⁴ “Hoje, a mobilidade se tornou praticamente regra. O movimento sobrepõe ao repouso [...] Os homens mudam de lugar, como turistas ou como imigrantes. Mas também os produtos, as mercadorias, as imagens, as ideias. Tudo voa” (SANTOS, 2006, p. 222).

¹⁵ Dentre as citações de Milton Santos a respeito da *psicosfera*, encontra-se: “Ao mesmo tempo em que se instala uma tecnosfera dependente da ciência e da tecnologia, cria-se, paralelamente, e com as mesmas bases, uma psicosfera. A tecnosfera se adapta aos mandamentos da produção e do intercâmbio e, desse modo, frequentemente traduz interesses distantes; desde, porém, que se instala, substituindo o meio natural ou o meio técnico que a precedeu, constitui um dado local, aderindo ao lugar como uma prótese. A psicosfera, reino das ideias, crenças, paixões e lugar da produção de um sentido, também faz parte desse meio ambiente, desse entorno da vida, fornecendo regras à racionalidade ou estimulando o imaginário” (SANTOS, 2006, p. 172).

¹⁶ “Ambos, ciência e ideal ascético, acham-se no mesmo terreno [...] na mesma superestimação da verdade (mais exatamente: na mesma crença na inestimabilidade, incriticabilidade da verdade), e com isso são *necessariamente* aliados” (NIETZSCHE, 1998, p. 140-141, grifo do autor).

¹⁷ “O direito de dar nomes, de criar à linguagem, é um ato de autoridade, que emana daqueles que dominam: ‘eles dizem: ‘Aí está o que é isto e o que é aquilo’, apõem seu selo sobre todas as coisas e todos os acontecimentos por meio de um som e, de alguma forma, se apoderam desse fato” (NIETZSCHE, 2007, p. 25).

REFERÊNCIAS

- GOMES, Paulo César da Costa. **Quadros Geográficos**: uma forma de ver, uma forma de pensar. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2017. 160 p.
- HUMBOLDT, Alexander von. Considerações sobre os diferentes graus de prazer que oferecem o aspecto da Natureza e o estudo de suas leis. **Revista GEOgraphia**, Rio de Janeiro, n. 12, 2004, p. 135-139.
- JOHNSON, Ron. **The dictionary of Human Geography**. Oxford: Blackwell, 1994.
- KANT, Immanuel. **Crítica da razão pura**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2015.
- KANT, Immanuel. Introdução a Geografia Física. **Revista GEOgraphia**, Rio de Janeiro, n. 17, p. 121-129, 2007.
- KANT, Immanuel. Projeto e Anúncio da Geografia Física. **Revista GEOgraphia**, Rio de Janeiro, p. 131-150.
- MÉNDEZ, R. **Economía y organización territorial**. In: GEOGRAFIA Econômica: la lógica espacial del capitalismo global. Barcelona: Ariel, 1997. p. 1-21.
- Milton Santos** (biografia). Theme Trust. Disponível em: <http://miltonsantos.com.br/site/biografia/>. Acesso em: 9 jul. 2021.
- MOREIRA, Ruy. Da região à rede e ao lugar: a nova realidade e o novo olhar geográfico sobre o mundo. **Revista etc. (espaço, tempo e crítica)**, São Paulo, v. 1, ed. 1, p. 55-70, 1 jun. 2007.
- NIETZSCHE, Friedrich. **A gaia ciência**. São Paulo: Companhia de Bolso, 2012.
- NIETZSCHE, Friedrich. **Além do bem e do mal ou prelúdio de uma filosofia do futuro**. Curitiba: Hemus, 2000.
- NIETZSCHE, Friedrich. **Crepúsculo dos ídolos ou como se filosofa com o martelo**. Petrópolis: Vozes, 2004,
- NIETZSCHE, Friedrich. **Humano, demasiado humano**. São Paulo: Companhia de Bolso, 2005.
- NIETZSCHE, Friedrich. **Obras incompletas**. Coleção Os Pensadores, XXXII, 1978.
- NIETZSCHE, Friedrich. **A genealogia da moral**. 2. ed. Petrópolis: Escala, 2007.
- PRIDEAUX, Sue. **Eu sou dinamite**: A vida de Friedrich Nietzsche. São Paulo: Crítica, 2019. 440 p.
- RIBEIRO, Ana. Território usado e humanismo: o mercado socialmente necessário. **Anais do X Encontro de Geógrafos da América Latina**, São Paulo, p. 12458-12470, 20 a 26 de março de 2005.

SANTOS, Milton Almeida dos. **A força do lugar**. *In*: A natureza do Espaço: técnica e tempo, razão e emoção. 4. ed. São Paulo: Edusp, 2006, p. 212-224.

SANTOS, Milton Almeida dos. **A geografia da percepção e do comportamento**. *In*: Por uma geografia nova: da crítica da geografia a uma geografia crítica. São Paulo: Edusp, 2008. p. 91-97.

SANTOS, Milton Almeida dos. **A natureza do espaço**: técnica e tempo, razão e emoção. 4. ed. São Paulo: Edusp, 2006. 259 p.

SANTOS, Milton Almeida dos. **Metamorfoses do espaço habitado**: fundamentos teóricos e metodológicos da Geografia. 6. ed. 2 reimp. São Paulo: Edusp, 2014.

SANTOS, Milton Almeida dos. **Por uma outra globalização**: do pensamento único à consciência universal. 28. ed. Rio de Janeiro: Record, 2018.

SANTOS, Renan. O espaço em Kant e suas influências na definição do conceito de região em Alfred Hettner e Richard Hartshorne. **Estudos Geográficos**, Rio Claro, p. 183-190, 2009.

SCHOPENHAUER, Arthur. **O mundo como vontade e representação**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2007.